

# BRASIL-PORTUGAL

FUNDADOR — **Augusto de Castilho.**  
DIRECTORES — **Jayme Victor, Lorjô Tavares e João de Vasconcellos.**  
COLLABORADORES EFFECTIVOS — Padre Alvares de Almeida.  
Dr. Antonio do Valle e Sousa.  
Conde da Esperança.  
E. Severim de Azevedo (Crispim).  
Ferreira Mendes  
D. Jorge de Menezes.  
J. Nunes de Freitas.  
Luiz Trigueiros.  
D. Maria O'Neill.

CHEFE DO ESCRITÓRIO — **J. Nunes de Freitas.**  
PROPRIETARIA — A empresa do **Brasil-Portugal.**  
EDITOR — Carlos Abreu.  
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial

1 DE DEZEMBRO DE 1912

N.º 333

## Commemoração do anniversario da proclamação da republica brasileira



A guarnição do "Benjamin Constant" desfilando em continencia pela frente do Palacio de Belem

## NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 1 de dezembro de 1912

### CARTAS DO RIO DE JANEIRO

III

#### O Theatro — A sua nacionalização em Portugal e no Brasil.

Não merece senão applausos a tentativa do Sr. Eduardo Victorino. Será ella coroada do exito merecido pelo seu esforço e pela sua competencia?

Em Portugal vem de velha data a preocupação de alguns escriptores dramaticos em nacionalisar o theatro. Essas tentativas têm vindo á revoada como as andorinhas e como ellas levantam vôo d'ahi a pouco, e desaparecem.

Eu encheria estas columnas só com a relação de dramaturgos que desde Gil Vicente se têm dedicado a essa tarefa absorbente. Poria á frente de todos elles Garrett, que foi o que pela evocação da Historia portugueza mais e melhores elementos forneceu á patriótica campanha da nacionalisação do theatro.

E' preciso, porém, que nos entendamos e comecemos por aquillo de que todos os nacionalisadores se têm esquecido. Nacionalisar é a palavra vulgar e banal, e comtudo, não me lembro de que para a hypothese de theatro ella tivesse sido definida, nem em Portugal nem aqui.

Nacionalisar não é apenas pôr em foco os escriptores theatraes. Quantos ha que seria de bom credito e de bom patriotismo conservar bem guardados nos archivos e arredar para todo o sempre do palco scenico! Não é, tambem, exhibir perante uma nova geração uma peça nacional só porque a applaudiu e consagrou uma geração extincta.

Nacionalisar é, primeiro do que tudo, seleccionar. E' fazer uma escolha tão rigorosa de peças e autores, que nada tenha a censurar a critica mais exigente. Antigo ou moderno que importa, que importam os processos, as formulas de arte, o estylo, o modo de ver, a variedade de personagens, o assumpto, a acção, se o objectivo é um só, se o fim não é senão este: fazer theatro nacional! Que importa que a escriptor vá buscar á Historia ou á Vida do seu tempo, á sociedade de que elle faz parte ou áquella a que seus avós pertenceram, o «leit-motif», o sangue e o nervo da sua criação, a mola real da sua obra, o carvão que elle deita na machina do seu cerebro para se transformar em luz, a cujos raios se aqueçam e allumiem quantos d'ella se approximem, quantos por ella sejam guiados!

Nacionalisar é pôr no palco de um theatro, ante os olhares de um publico ávido de emoções, a Vida como ella é, a Sociedade como, na nossa terra, vive ou viveu. E' reproduzir em formulas de arte as tradições estheticas da raça, as vibrações do sentimento popular, a altivez ou a decadencia da nobreza, as aspirações da burguezia, a alta vida dos salões e a vida arrastada dos miseraveis, a cidade e o campo, as scenas tragicas e as scenas simples, o fidalgo e o artista, o homem da cidade e o homem da aldeia. Nacionalisar, emfim, é apresentar a patria através da arte. E' pôr ao serviço de uma propaganda, devéras patriótica, tudo o que de mais subtil e delicado tenha a psychologia, tudo o que de mais minucioso e cuidado a observação apurou, tudo o que o talento produziu de mais solido, tudo o que tem de mais intenso a alma nacional, tudo o que de mais suggestivo exista na tradição e nos usos populares, e tudo isto tão synthetisado e concreto nas mais puras fórmulas de arte, que de tudo resalte a Vida, que no scenario, proprio e suggestivo do palco, se movam e agitem não figuras de theatro, mas figuras da humanidade, e que entre o auctor e o publico se estabeleça uma tão emotiva corrente de sympathy, com traços de verdade a fundil-os na mesma vibração, a identical-os no mesmo sentimento, no mesmo amor, no mesmo jubilo, no mesmo odio, na mesma ironia ou na mesma paixão, que só minutos depois, cerradas as portas do theatro, os espectadores de ha pouco se lembrem cá fóra, ao ar livre, que tudo aquillo foi uma representação, que foi tudo aquillo o sonho de um momento.

Mas na alma ingenua e até no espirito culto, nos corações

simples e até nos que o não são, se essa obra de theatro era bem nacional, lá deixou um vestigio, lá imprimiu um traço, lá cravou a poderosa «griffe», e essa impressão de momento é tão viva, cava tão fundo, que basta para depurar um sentimento, para avivar uma afeição, para tornar mais intensa uma alegria ou mais amarga uma saudade, para, da Vida que observámos, colhermos fructos e lições para a Vida que vivemos, para finalmente, conhecermos melhor a humanidade e amarmos mais a nossa terra.

De Garrett até aos nossos dias quantos em Portugal tentaram essa obra de regeneração pelo theatro!

Nacionalisando Moliére, não teve outro intuito o grande poeta cego Antonio Feliciano de Castilho, que não fosse a de prestar esse valioso serviço ao theatro portuguez, fazendo, pela riqueza e propriedade do vocabulario, pela adaptação das scenas ao meio portuguez, e até pela intervenção de personagens portuguezas, atravez da obra franceza uma obra nacional!

Camillo Castello Branco, que sendo o maior prosador do seculo XIX não era propriamente um escriptor de theatro, deixou, comtudo, duas obras de verdadeira nacionalisação, o drama *Espinheiros e Flores* e a comedia *O Morgado de Fafe*. O antigo morgado do Minho com a sua ignorancia alvar, com a sua prosapia ridicula, as suas immortaes syllabadas, com os seus trajos berrantes e os seus gestos de alarve, vive nessa figura que o escriptor copiou, com mão de mestre, do natural, como os costumes pittorescos da linda provincia minhota se reproduzem fielmente na comedia de Camillo, portugueza de lei.

Outra coisa não fez Joaquim da Costa Cascaes, um dos mais fecundos escriptores do ultimo seculo, senão tentar numa obra vastissima a nacionalisação do theatro portuguez. *O Alcaide de Faro*, a *Lei dos Morgados*, *O Mineiro de Cascaes*, e a *Caridade*, terão sempre um logar de destaque entre as obras nacionaes, não só porque caracterisam uma epoca, mas sobretudo porque são preciosos documentos de observação critica ás leis sociaes atravez do theatro, e reprodução exacta dos costumes e tradições do povo portuguez.

Não fallo de Mendes Leal, nem de Ricardo Cordeiro, nem de Antonio Ennes, nem de Pinheiro Chagas, nem de Fernando Caldeira, nem de Cesar de Lacerda, nem de Gervasio Lobato, nem de muitos outros que carregaram cimento e pedra para o edificio da nacionalisação, porque só quero fixar aqui os nomes dos que tiveram esse fim exclusivamente em vista, dos que não procuraram outra cousa que não fosse isto: fazer o theatro portuguez, bem portuguez.

Depois delles veio um grupo forte, ousado, que metteu mãos á obra, e que enriqueceu com obras portuguezas o theatro nacional. Foram Lopes de Mendonça, que, no *Duque de Vizeu*, laureado pela Academia, registrou em vibrantes alexandrinos paginas dramaticas da historia portugueza, e que mais tarde renovou com brilho a opereta historica, no *Tiçã Negro*.

Nesse ramo theatral, já o tinha precedido Lorjô Tavares, com a *Moura de Silves*, representada com largo exito em Lisboa e no Rio de Janeiro. Este mesmo escriptor theatral abordou, tambem com exito, no *Segredo de Confissão*, outro genero: o da singeleza dos costumes portuguezes, das scenas intimas entre pessoas simples, genero de que D. João da Camara deixou uma obra prima: *Os Velhos*.

Em outros trabalhos, bem portuguezes tambem, de historia, de costumes populares, da vida social do seu tempo, pôde afirmar-se que este escriptor saudoso creou uma obra de nacionalisação. Tentativas, com o mesmo objectivo, uma ou outra cercada de excellentes resultados, fizeram-n'as Julio Dantas e Eduardo Schwalback e depois destes surgiu uma nova camada de escriptores theatraes, que todos os dias despejam peças sobre todos os theatros de Lisboa, sendo raras as de valor que, de entre tantas se aproveitam.

Outro processo de nacionalisação, o ultimo, foi o que ainda não ha muito poz em acção, em Portugal, e de que o Rio já viu uma pallida amostra, um poeta portuguez: Lopes Vieira. Foi uma obra de benemerencia, em que elle empregou esforço e confiança, actividade e talento. Deixar vêr, applaudir, admirar, e o que é mais, amar, o genio litterario do fundador do theatro portuguez; exhibir aos nossos olhos e aos nossos ouvidos um Gil Vicente intelligivel, e quanto possivel fosse, conveniente sem perder nunca a sua nativa espontaneidade e o seu poder inegalavel de observação e a sua audacia, e a sua ironia, e a sua mordacidade, e a sua critica de

costumes do tempo, através do theatro ingenuo, na presença do Rei e da Córte; levar os menos letrados á percepção e ao sentimento da obra monumental de Gil Vicente, foi o mais alto e intelligente serviço prestado á nacionalisação do theatro portuguez.

Se o Sr. Eduardo Victorino, professor dos mais cultos, tão versado em cousas de theatro, tão familiar com a arte dramatica, conseguir o que deseja, attingir o fim para que trabalha com denuo: a nacionalisação do theatro brasileiro, resolverá um problema mais difficil do que o é em Portugal.

Porqué?

Porque o Brasil não tem passado longo para possuir uma litteratura classica. Separada da portugueza, a sua historia, apesar de

o principal fim que deve ter em vista quem se arrojou á nobre audacia de nacionalisar o theatro do Brasil. O inicio da campanha foi excellente e não podia ser mais acertado. Para sempre ficará cabendo ao Sr. Eduardo Victorino a gloria de entrar a porta do Municipal, na empreza aventurosa a que vae consagrar-se, pela mão da mais alta representante da intellectualidade feminina do Brasil: D. Julia Lopes de Almeida.

JAYME VICTOR.

## PENSAMENTOS

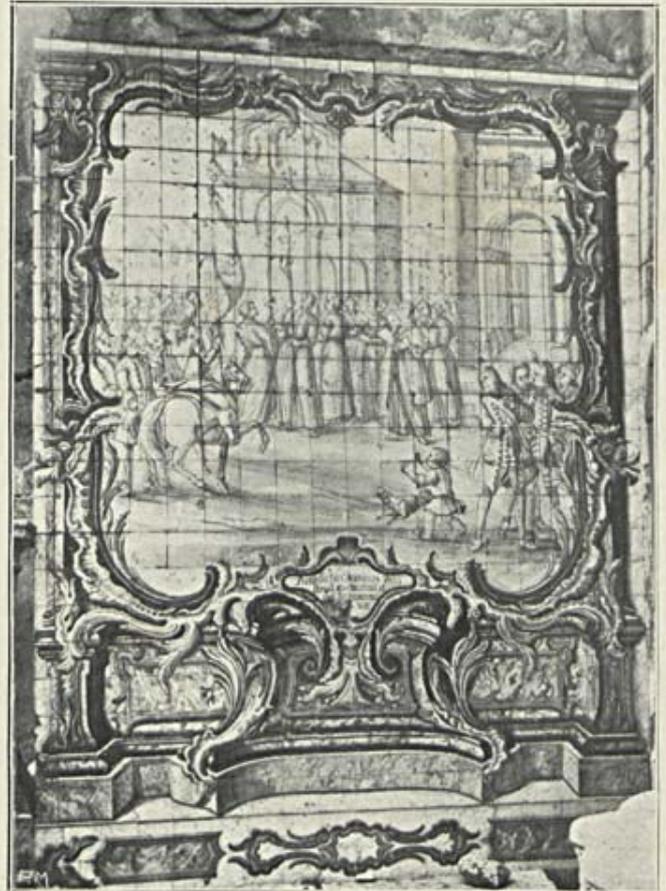
Assim como os mãos poetas na segunda parte do verso procuram a idéa pela rima, do mesmo modo os homens, na segunda

### A proposito do anniversario da revolução de 1640



O palacio dos Condes de Almada

*A historica salla na qual se reuñiam os conjurados e onde hoje está installada a Comissão Central do 1.º de Dezembro*



*Um detalhe dos azulejos allusivos á revolução de 1640 que existem nos jardins do palacio*

*(Phot. de A. C. Lima)*

brilhante, tem poucos dias, porque, no decurso dos seculos e na vida de uma nacionalidade, 80 annos são apenas um minuto. E porque, finalmente, para a obra da nacionalisação do seu theatro, têm de contribuir em larga escala, não autores nacionaes, mas autores portuguezes.

O campo é, por conseguinte, menos vasto, e por isso mais difficil e arriscado. Trazer para o palco theatral todos os que tenham talento e vocação, e pelo exito das obras representadas, dar, por assim dizer, ao publico a faculdade da selecção, tornalo juiz, e entre o que elle applaudiu e consagrou escolher ainda o melhor, o que a critica sancione, o que mais reproduza os feitos historicos da sociedade brasileira ou a vida dos nossos dias, e com esse apuramento de obras theatraes e de autores dramaticos formar uma alta categoria intellectual, de onde mais tarde possa constituir-se um nucleo de classicos do theatro brasileiro, esse é

parte da vida, tornando-se mais inquietos, teem o costume de procurar as acções, as situações, as relações, que digam com as de sua vida anterior, de modo que exteriormente tudo se manifeste de acôrdo; mas a sua vida já não está dominada por um pensamento forte; este foi substituido pela intenção de encontrar uma rima.

NIETZSCHE.

Os nossos defeitos tornam-nos muitas vezes mais agradaveis que as nossas qualidades.

ROCHEFOUCAULD.

Nada secca mais depressa do que uma lagrima.

SOCRATES.

## Commemoração do anniversario da proclamação da republica brasileira



*O sr. Presidente da Republica, dr. Manuel de Arriaga, visitando o «Benjamin Constant»*



*A officialidade do «Benjamin Constant»*

*(Phot. de \*\*\*)*

O

ANTIGUIDADE DA MAMADEIRA

Os antigos tinham como nós a numeração decimal, mas não podiam usar do calculo decimal porque não conheciam o zero. Por mais extraordinario que isto nos pareça, habituados como estamos a vel-o fazer parte integrante dos nossos algarismos, o zero é de invenção recente. Foi preciso o genio philosophico dos indios, talvez actuado pelo espirito pratico dos chinezes, para se inventar um signal para representar o nada, o que não existe.

Um archeologo inglez, o professor Morby, publicou ha pouco uma curiosissima noticia, na qual demonstra que os romanos, os gregos, os egypcios, e, provavelmente, tambem os assyrios e os babilonios, conheciam a mamadeira. As amas gregas tinham por costume, para dar de beber ás crias, de se servirem d'um pequeno vaso de forma oblonga, cheio de leite temperado com mel. No velho cemiterio romano do Santo Sepulchro, nos arredores de Can-

## Em Hespanha



No enterro de Canalejas — O rei de Hespanha, os infantes D. Carlos e D. Fernando e comitiva

E' n'estes dois povos que se encontra, no seculo vi da nossa era, a primeira menção d'um signal redondo para classificar os algarismos na ordem decimal que lhes convem; o zero teria vindo até nós por via dos arabes, aproximadamente no seculo xi ou xii. Antes d'esta época não seria possivel imaginar um systema decimal, e não é para admirar que fossem precisos muitos seculos para que se comprehendesse o partido que se podia tirar da divisão decimal das medidas actuaes. Em 1670 um astronomo celebre de Lyon, chamado Mouton, fez ver as vantagens d'este modo de divisão, e todos os sabios, que depois se occuparam de reformas de pesos e medidas, nunca mais perderam de vista que tal systema devia ser uma das bases essenciaes das reformas.

torbéry, foi encontrada uma mamadeira de barro vermelho junto do caixão d'uma criança. E, mais recentemente, o professor Morby conseguiu decifrar, n'um dos vasos gregos do British Museum, uma inscripção que não deixa duvida alguma sobre o uso a que tal vaso era destinado. Esta mamadeira data do vii seculo antes da era christã.

---

Entre surdos mudos (por gestos, é claro).  
 — Gostava immenso de ser deputado.  
 — Para que?  
 — Para ter a palavra.

## A VIDA ELEGANTE

O inverno official era antigamente iniciado com a abertura de S. Carlos. Então a elegante estação dos bailes e das festas sumptuosas, dava entrada solemne ao som da *Aida* que era quasi sempre a opera de abertura escolhida para essa primeira assembleia geral da gente de bom tom. Essas noites de theatro lyrico eram uma especie de *ponto* a que não faltava a

### Vida elegante



A sr.ª D. Maria Amelia Ramalho Ortigão

gente da sociedade; de maneira que no segundo intervallo os binoculos, passando revista á assistencia, davam logo pela falta de qualquer *habitué*, considerando-a naturalmente uma grave infracção dos regulamentos mundanos.

Hoje não ha indicação da abertura official do inverno. E' verdade tambem que Lisboa perdeu o seu antigo aspecto de cidade elegante e risonhamente acolhedora. As equipagens de luxo desapareceram; o encantador desfile das graciosas lisboetas Chiado abaixo ás quatro da tarde, por igual passou ás paginas do livro de recordações que a gente ás vezes vae folheando melancolicamente. Lisboa é hoje uma terra incaracteristica, onde se vive com aquella retrahida estranhesa que sentimos n'um paiz estrangeiro, succedendo não raro após a entrada em qualquer theatro ou ponto de reunião mais concorrido, ouvir a meudo esta phrase desolada:

— Não vejo uma cara conhecida!...

Emfim; vamos a ver se com a chegada do inverno, coincide o regresso de muitos dos que deram brilho e lustre á sociedade de tempos idos; e embora apenas para a intimidade affectuosa de meia duzia de amigos certos, possam abrir e resplandecer os salões que davam á nossa capital aquelle encanto muito particular, muito nosso, que attrahia os estrangeiros, tornando-lhes inolvidavel a sua passagem pela hospitaleira Lisboa.

1912 foi o anno dos casamentos, fechando para as chronicas mundanas com alguns casamentos aristocraticos, dos mais auspiciosos. D'esse numero e em lugar primacial faz parte o enlace do sr. Pedro José de Mello (Sabugosa) com a sr.ª D. Maria Amelia Ramalho Ortigão.

O sr. Pedro José de Mello, é filho mais novo do nobre conde de Sabugosa que foi mordomo-mór da Casa Real, fidalgo *doublée* de brilhante literato, espirito *d'élite* e coração de ouro sem liga que attrahe todas as sympathias e todos os respetos, e da sr.ª condessa de Sabugosa e Murça (D. Marianna das Dóres de Mello) que pelas suas altas virtudes e primores de trato tem occupado sempre na côrte e fóra d'ella um logar de justa evidencia.

O noivo é portanto neto paterno dos Marquezes de Sabugosa (Antonio Maria Cesar da Silva e Menezes e D. Maria do Carmo de Portugal de Menezes e Cunha) e materno dos Condes de Murça (D. João José de Mello e D. Anna de Sousa Coutinho, filhas do Marquez de Santa Iria).

Assim aparentado com a mais alta aristocracia do paiz, filho e neto de nobres titulares e bisneto dos nobilissimos Condes da Cunha, estando na familia de seu avô paterno a representação d'este titulo e dos de Condes de Cantanhede e Marquezes de Marialva, o sr. Pedro José de Mello allia á nobreza do seu nascimento, a das suas primorosas qualidades pessoases. Quando da mudança de regimen, preferiu despir a sua farda de official do exercito e conservar as suas convicções politicas, tendo assim um gesto expontaneo que notabilisa o seu character, demonstrando a alta valia dos seus sentimentos. Em seguida, podendo ficar junto de seus paes no góso da commoda ociosidade que as circumstancias lhe permittiam, foi modestamente procurar no trabalho em terras estrangeiras uma situação compativel com as suas legitimas ambições. Assim ficou nitidamente desenhado e com indestructivel brilho o character d'este moço e sympathico fidalgo.

A noiva, gentilissima, aureolada de sympathias carinhosas mercê das suas delicadas qualidades affectivas, é filha d'um portuguez que soube alcançar no Brasil uma situação de invejavel destaque, o sr. Vasco Ramalho Ortigão, sendo portanto considerado como um dos membros mais illustres da nossa colonia no Rio de Janeiro; e é neto de Ramalho Ortigão, que tão alto tem levantado o seu nome de escriptor eminente, perpetuando-o em livros notabilissimos, e em milhares de artigos que são uma obra modelar de critica justa e de implacavel ironia.

Como se vê tudo se reune para bem agourar este enlace,



Vida elegante — O sr. Pedro José de Mello, filho mais novo dos nobres condes de Sabugosa

indo portanto abrir-se um novo lar, onde veremos resplandecer sob a caricia da mais pura felicidade, todas as virtudes.

Uma justa homenagem presta hoje o *Brasil-Portugal* aos nobres condes das Alcaçovas; e diremos até, uma commovida homenagem, visto ser bem consoladoramente impressionante essa photographia que reproduz um encantador quadro familiar. Profundamente sympathicos a quantos teem a honra de os conhecer, estes

illustres titulares gosam na sociedade portugueza d'aquelles respeitos a que tem jus os que sabem alliar á nobreza do nascimento, as mais nobres e distinctas qualidades pessoases.

Partiu para o Brazil o sr. D. Miguel de Assis de Mascarenhas bem conhecido nos circulos mundanos que frequentou sempre assiduamente e onde é muito estimado pelas suas distinctas qualidades pessoases.

O sr. D. Miguel de Assis Mascarenhas é o actual representante

D'aqui, só a boa formação d'um espirito pode resultar.

Mas ha mais:

Diz o escravo umilde e triste  
com voz de amôr e bondade:  
já na terra o Cristo existe,  
fulge o sol da liberdade.

Bello e proveitoso ensinamento, d'onde muitos podem colher proveito.

Não nos é possível alongar em transcripções; mas ainda assim, queremos que os leitores do *Brasil-Portugal* apreciem a seguinte:



Vida elegante — Os nobres condes das Alcaçovas e seus filhos

(Cliché das «Officinas Photographicas»)

dos nobres condes de Sabugal e Obidos e conde herdeiro destes titulos, assim como do titulo de conde de Palma.

Por sua mãe, é sobrinho da actual senhora condessa de Murça casada com o nobre conde de Sabugosa e portanto apparentado com a nossa melhor aristocracia. E' mais um moço portuguez que o Brasil attrae e parte em demanda de novos horisontes, obedecendo áquelle espirito aventureiro que é bem da nossa raça.

LUIZ TRIGUEIROS.

## LIVROS

*Oasis*: — volume de poesias soltas, que depois de outros, aonde o seu auctor, sr. João Maria Ferreira, tem firmado as qualidades do seu espirito, e que acaba de ser offerecido a esta redacção, contém cento e vinte seis paginas, nas quaes o leitor encontra o poeta a cantar: as flores, a mulher, o amor, a vida, a natureza emfim; e aonde mais uma vez tem a confirmação, de que, embora modernamente, alguns, lhes chamem assumptos velhos e gastos, serão sempre elles as fontes da verdadeira poesia. Entre outros tem este livro uma grande qualidade: o servir para gente môça, porque pelos seus versos derramou o poeta uma unção de fé, pouco vulgar e muito de apreciar nos tempos que vão correndo.

Bendito o lar perfumado  
de duas almas modestas,  
nêlé é tudo amôr sagrado,  
.....

Mais adiante:

Nasceu Jesus, Noite Santa,  
redimiu-se a humanidade;  
ino de amôr, liberdade:  
toda terra em côro canta.

## NO ALBUM de D. Luiz Quesada

Feliz vós sois e bem  
pois tendes uma esposa carinhosa  
que o lar transforma em sonho côr de rosa:  
ventura que no mundo igual não tem.

Euterpe é vossa amante,  
terna musa diléta, compreendida,  
companheira bendita que na vida  
vos segue instante a instante.



Vida elegante — D. Miguel de Assis Mascarenhas  
(Sabugal e Obidos)

Que mais ambicionar  
na vida, tendo tanta f'licidade?  
Pãra vós tudo é riso e não saudade,  
é riso a luz, o som, o amôr, o lar ...

## A nossa artilharia

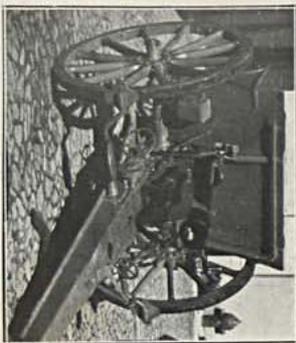
### Defeza nacional

A longa paz de um seculo estioante produziu em Portugal o resultado que é facil de comprehender: o florescimento do egoismo individual que conduz as nacionalidades para a beira de um precipicio. Não ha uma unica nação no mundo, onde se cuido de preparar o exercito para a defeza da Patria,



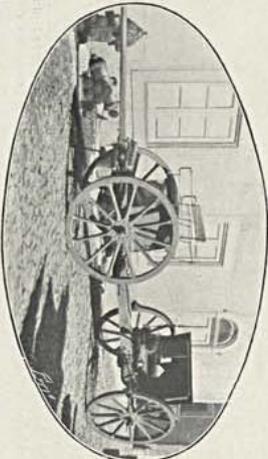
José Nunes Gonçalves  
Major de artilharia

quando se gozam as delicias inebriantes de uma paz secular. E como a natureza humana é sempre a mesma, obedecendo constantemente a leis invariaveis, sera uma excepção ter-se organizado o exercito portuguez de forma a constituir um poderoso instrumento de guerra, fora da influencia impulsiva de um desastre soffrido nas fronteiras. As sociedades passam todas pelas mesmas phases de convulsões, de agonia ou de prosperidades. E o que se notou na Franca, que pagou com horrivel amargura em Sedan os seus desvarios em questões de defeza nacional, succedeu a Alemanha em Lens, esmagada pela vontade do vencedor, succedeu a Austria em Sadowa, succedeu a Suisa, ao Japão, e aqui á nossa vizinha Hespanha. Portugal, que nunca foi

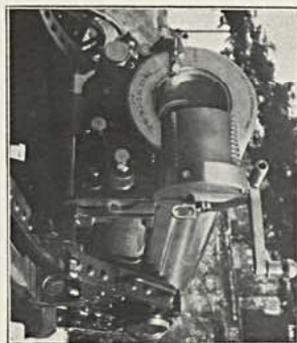


Uma peça Schneider Canet em posição de fogo

muito madrugador para as questões de defeza nacional, apresenta alguns exemplos de incorrigivel; as lições do passado nada lhe modificam o seu modo de ser, o que nos convence que só por um destes extraordinarios deslizes do acaso se tem mantido integra a patria portugueza. Por varias epochas os nossos governos estenderam a mão supplicante á Inglaterra para nos salvar de tremendos desastres e se não fosse em situações bem criticas o auxilio recebido dos commandos estrangeiros ninguém sabe o que teria sido dos nossos destinos historicos. Mas os tempos vão outros e esta situação de producidos do acaso, de uma nacionalidade que anda aos trambalhões no concilio mundial, não pode subsistir por muito tempo. Nos novos acordos e alian-



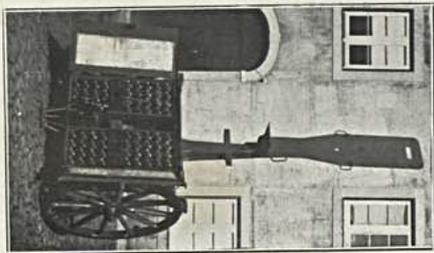
Uma peça Schneider Canet completa



Bateria de um obus Schneider Canet da bateria de posição portugueza

ças, a situação e riqueza de Portugal não são quantidades desprezíveis; despendam o appetite dos que se preparam para devorar a presa, na primeira oportunidade. E, por isso que urge tratar quanto antes de, em primeiro logar, encontrar homens que ponham em acção todo o mechanismo da defeza nacional, fornecendo-lhes os recursos para levarem a cabo essa empreza importante. O problema da defeza nacional liga-se com todos os outros da actividade portugueza e por isso esta grande obra precisa de homens de um grande valor para a realisarem. Não os haverá no país? Será preciso proceder da mesma forma que n'outras epochas, que se foi pedir ao estrangeiro o auxilio de chefes? Não concluímos qual seja a affirmacão, mas o que se torna necessario é proceder como n'outras paizes pequenos, que mandaram e enviam constantemente os seus officiaes praticarem á Franca e Alemanha, e n'estes estados balticos, que n'este momento tem mostrado ao mundo como são os factores da ordem moral que mais contribuem para o resultado das victorias, e nas Republicas sul-americanas.

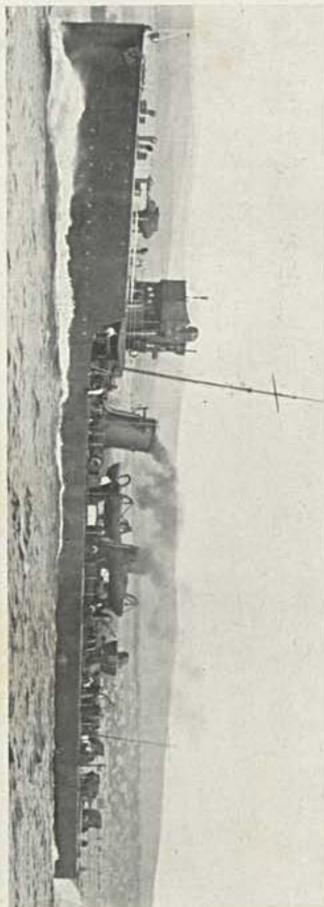
Nota-se n'este momento em Portugal uma febril actividade, de baixo, impondo para cima ás camadas dirigenes que se occupem do problema da defeza nacional; mas os governos para poderem resolver uma parte do problema precisam de recursos materiaes para a compra do material de guerra. Possui o exercito portuguez material do melhor, com certeza o primeiro que hoje se encontra nos arsenaes de todos os exercitos. A espina-



Carro de munições de bateria Schneider Canet armado em observatorio

## DEFEZA NACIONAL

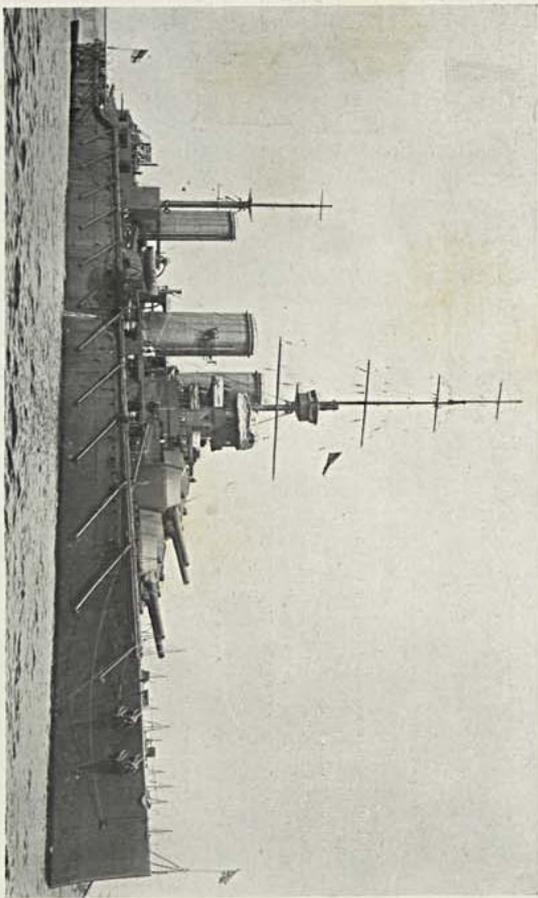
### A marinha de que precisamos



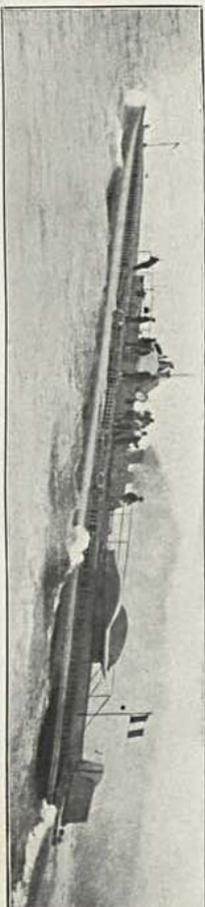
O destroyer «Lurchev» da marinha de guerra inglesa

garda Mauer-Vergueiro é hoje a que figura em primeiro logar na lista do armamento portatil; a metralhadora Maxim tambem não foi destronada; a artilharia Schneider-Canet tem dado ultima-

mente as suas provas n'esses duellos feridos nos campos de batalha do Oriente, em que os bulgares e serbios tem sabido tirar todo o partido da superioridade esmagadora do material de cam-



O dreadnought «Lyons» da marinha inglesa



O submarino «Pégusa» da marinha de guerra franceza sahido dos estalotos Schneider

# A questão do Oriente

## A guerra entre os estados balkanicos e a Turquia



*O exercito turco retirando de Lule-Burgas sobre Cataldja*

panha. Mas se a qualidade do nosso material é excelente, a quantidade é deficientissima, pois precisamos adquirir mais 177 peças, 152:000 espingardas, 60 metralhadoras, varios carros de munições e alguns milhares de cavallos.

Publicamos alguns aspectos do óptimo material de artilharia Schneider-Canet actualmente em fóco nos arredores de Andrinopla. E' igual ao que foi adquirido para o nosso exercito em 1904, sendo

ministro da guerra o general sr. Pimentel Pinto, que dotou igualmente o exercito com 100:000 espingardas Mauser-Vergueiro, as metralhadoras Maxim e o material preciso para o fabrico de munições na fabrica de material de guerra em Braço de Prata. Na escolha do material de artilharia desempenhou um papel importante o illustre professor sr. major de artilharia sr. José Nunes Gonçalves, que se encontra actualmente no polygono de Harfleur, proximo do



*A guerra entre os estados balkanicos e a Turquia — Prisioneiros turcos conduzidos para Podgoritza*

Havre, assistindo ao fabrico das novas baterias Schneider de montanha, encomendadas pelo ministro da guerra sr. coronel Correia Barreto.

O major sr. Nunes Gonçalves tem sido alvo das mais agradáveis manifestações de apreço por parte dos estrangeiros, honra que incide no nosso paiz. *Le commandant* Nunes Gonçalves é neste momento o artilheiro mais conhecido em todo o mundo culto; é o homem do dia, lá por fóra. Tanto pelas suas obras traduzidas em francez, como por algumas modificações introduzidas no material Schneider, modificações que os bulgaros aproveitaram para a sua artilharia, o illustre oficial do exercito portuguez é hoje uma das nossas grandes glorias da sciencia. Aqui lhe prestamos a nossa insignificante homenagem.

Se o exercito precisa de largos recursos de material para que possa garantir a defeza da Patria, muito mais ainda se impõe essa necessidade para a marinha de um paiz que dispõe de tão largas fronteiras de costa e tão extensos dominios coloniaes.

Pela lei de 26 de julho do corrente anno foi auctorisado o governo a executar, no praso de tres annos, o seguinte programa naval:

Uma divisão couraçada de 3 *Dreadnoughts*; uma divisão de 3 exploradores; 9 *destroyers*; 3 *destroyers* divisionarios; 3 escafeadores, 6 submersiveis, 1 navio apoio para submersiveis, 2 rebocadores do alto mar, navios lança minas, navio para serviço hydrografico. Para realisação d'este programa naval auctorisou o parlamento a quantia de 38:000 contos de réis.

Com a aquisição das unidades navaes citadas já a nossa aliança fica bem valorizada e fará pender o fiel da balança para o lado da nação a que se coligar. Apresentamos nas gravuras os typos de navios que constituem a ultima palavra dos progressos de construções navaes. O *Lyon*, da marinha ingleza, o *dreadnought* mais aperfeiçoado, de 26:000 toneladas, com 8 peças de 34<sup>cm</sup>, 16 peças de 12<sup>cm</sup> e 3 tubos lança torpedos. As couraças tem a espessura de 240<sup>cm</sup> e 220<sup>cm</sup>. A velocidade é de 31 milhas. Tem a potencia de 70:000 cavalos e consome 940 toneladas de carvão. O *destroyer* da nossa gravura é o ultimo construido pela Inglaterra, com o extraordinario avanço de 34 milhas.

O submersivel *Papin* é um dos melhores typos do *Lobocuf* sahidos dos importantes estaleiros Schneider.

São estes os tres typos de navios da esquadra cuja aquisição foi votada pelo parlamento portuguez, que mostrou assim estar animado dos mais nobres intuitos patrioticos.

CORREIA DOS SANTOS  
Capitão.

## Pensamentos

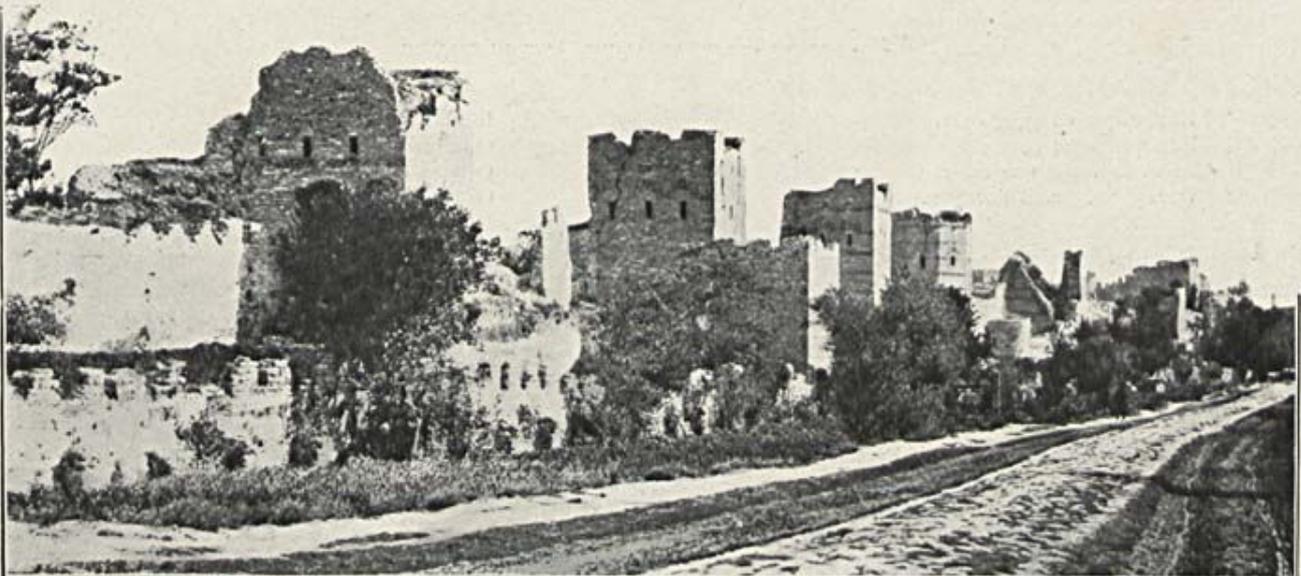
Receamos sempre apparecer deante da pessoa que amamos depois de ter estado a galantear outra.

Em amor o engano excede quasi sempre a desconfiança.

ROCHEFOUCAULD.



A proposito da questão do oriente — Dama turca em traje de cerimonia



A proposito da questão do oriente — As muralhas de Constantinopla

## Canção do Berço

— A minha mulher, para  
adormecer Wanda —

Agua da fonte que canta,  
Agua do mar que murmura,  
E' ter mãos n'essa garganta,  
Que fale com mais brandura.

Folha da arvore que treme,  
Ave que pia no ninho,  
Roda da nora que geme,  
Mais baixinho... mais baixinho...

Carro que chias na estrada,  
Echo que vens d'esse valle,  
Deixae-a dormir, coitada,  
Que passou a noite mal.

Voa mais longe, andorinha,  
Não m'a venhas, despertar,  
Anda muito doentinha,  
Deixa-a dormir, descansar.

Ai que está muito doente  
A minha rica menina!  
Ai de quem é innocente!  
Ai de quem é pequenina!



A proposito da questão do oriente — Mulher armenia

Nuvem que no espaço corre,  
Aza que passa no ar,  
Agua da rocha que escorre,  
Devagar... mais devagar...

Onda que suspira e rôla,  
Ave que vae de caminho,  
Fumo do lar que se evola,  
Devagar, devagarinho...

Moinho que cantas e giras,  
Mosca que fazes zumbido,  
Vento agreste que suspiras,  
Cessae com vosso ruido.

Pomba que estás no telhado,  
Folha que rôlas no chão,  
Tende cautela, cuidado,  
Não faças barulho, não!

Dorme, dorme, filha querida,  
Que o dormir a dôr acalma,  
O' vida da vida!  
O' alma da minha alma!

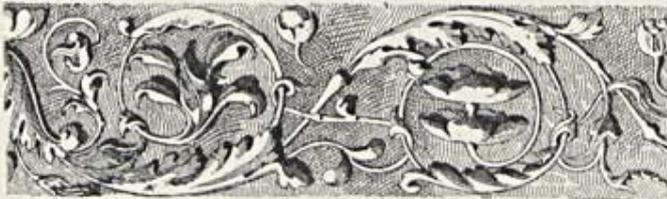
Coração, não batas tanto,  
Não batas, tem d'ella dô,  
Dorme, filha, meu encanto,  
Dorme, dorme, amor, ó, ó...

(Do livro inedito *A Bíblia do Amor*.)

MARIANO GRACIAS.

Um vigário achava-se com o seu sacristão no momento em que tinha a mesa cheia de dinheiro, e tendo necessidade de passar a um gabinete contiguo, disse:

— Meu sacristão, tenha a bondade de bater palmas até que eu venha.



## POR UM OCULO...

(Criticas, Blagues & Phantasias)

XVII

### MAIS ALBARDA...

...E por cá vamos indo n'este rebolar politico, mixto de do-dice e de maldade, como Deus é servido.

O Zé começa a arregalar os olhos e a *vér*, á força das provas lhe ferirem a vista, o lombo e... a algibeira.

Financeiramente o barquinho vae á vela a todo o pano: «deficit» *confessado* 6:620 contos; e 100:000 contos pedidos para despesas urgentes que hão-de ser *arrancados por impostos* para satisfazer os seus consequentes encargos.

Ora o amigo Zé-Boca-Aberta dos comicios deve estar satisfeito, com os resultados da sua promettida soberania. Em vez de liberdade teem-lhe dado bordoadá; em vez do barateamento da vida, dão-lhe augmento d'impostos!

O que lucrou?!

Não fazemos esta pergunta com facciosismo; fazemol-a com imparcial sinceridade.

Diz-nos, Zé-Tansinho, o que lucraste com a mudança de regimem para que offereceste a tua lombeira já tão alcachinada pelos encargos?

Responde-nos, vá. E se fores capaz de dizer coisa que justifique esta tremenda *debacle* para onde social e financeiramente vamos caminhando em asselerado, damos-te um doce. Damos-te mesmo dois doces.

Mas isso sim! Por mais que puxes pela mioleira entontecida com os palavrões retunbantes das eras comicieiras; por mais que cogites n'um beneficio real e effectivo que te trouxesse a substituição do *rotulo* passado pelo *leltreiro* presente, não descobrirás coisa que geito tenha.

Sim, deves estar convencido do logro. Pois na melhor moldura da tua modesta saleta, fazendo *pendent* com os retratos dos idolos, dos salvadores que durante annos te encheram os ouvidos de promessas doiradas; bem junto das figuras engrinaldadas dos apóstolos que te prometteram bacalhau a três vintens, abolição do imposto de consumo, fartura de trabalho, boa casa de habitação por preço reduzido, e bom salario livre de encargos — tu Zé-Boca-Aberta, tu Zé-Tansinho das sessões solemnes e do vivorio, deves collocar em letras garrafaes para mais facilmente a tua ignorancia as soletrar e com mais rapidez o teu espirito as digerir estas palavras do relatorio do ministro das finanças que são uma confissão e um aviso:

«Na impossibilidade, portanto, de reduzir as despesas d'uma maneira apreciavel, só uma solução honesta, mas dolorosa, como disse, se offerece para equilibrar o orçamento: augmentar as receitas recorrendo ao imposto.»

Encaixilha bem este quadro que representa a tua existencia futura; soletra bem as suas palavras, mede bem o seu alcance e, aberta o bolso e... a barriga!

Recorrer ao imposto! — eis todo o talento financeiro da democracia.

Mas, Santo Deus, o emprego d'esse processo foi no tempo da monarchia, uma das armas — a mais terrivel e a mais verdadeira! que serviu para derrubar as velhas instituições.

Porque o povo não podia e não devia pagar mais; porque o povo estava cheio d'encargos, e levava vida miseranda sem poder com elles; porque o povo precisava de ficar desafogado sem as collectas que lhe sugavam todos os vintens; porque o povo, finalmente, já não podia com a *albarda* — é que a ideia republicana, embora por um principio falso como está provado, medrou e encontrou os defensores de 5 d'Outubro n'uma ancía de emancipação de... barriga. Porque é preciso notarmos: a unica razão que

callava no animo do povo para o fazer desejar uma mudança de vida eram as dificuldades com que luctava e que habilmente eram exploradas pelos idolos para os fins... que estão á vista!...

Não movia a massa anonyma e ignorante — seria irrisorio admitir semelhante hypothese — nenhuns principios fundamentaes organicos; nenhum ideal abstracto pertencente a uma ordem de razões para que só o cerebro é chamado a intervir. A mola era o *interior*. E só por elle comprehendiam que a *coisa ia mal* porque a cinta de vez em quando esticava.

Só por isto a ideia republicana era comprehendida; e mais além não podia ir porque as divagações theoricas da sociologia nunca poderiam transpor o limitado espaço para livre transito intellectual de meia duzia.

Só por chalaça se pode crêr que taes factores imperassem na massa dominadora dos nossos... 80 % d'alphabetsos!...

A questão resumia-se portanto n'uma formula simples e unica: ter a vida menos sobrecarregada, menos *albarda*! E em volta d'este principio, tudo o mais é que girava.

A leria da liberdade mesmo nunca pegou.

E como podia ella pegar se na propria maneira de expôr *essa falta* estava a demonstração da sua existencia?!

Ora os factos não tardaram em demonstrar que tudo afinal tinham sido palavras ao vento,—que ha dois annos vão voando... voando... levando as mais renitentes illusões!

Esta ultima machadada, porém, deve ser a mais certa, e a que mais brecha ha-de fazer nas derradeiras esperanças, porque vae direita ao ultimo reducto das *convicções*: a barriga! E a *bar-riga* foi a causa da aceitação pacifica do 5 de Outubro!

Na esperança de melhor tratamento, de menos *cilha*, de menos pezada *albarda*, o paiz aceitou o acto que um reduzido numero firmou na troca quasi convencional de meia duzia de tiros.

Ora se a *albarda* ficou e com muito mais carrego em cima, é de crêr que o eterno jumentinho sacuda as orelhas e diga: não!

E os soberanos salvadores que tão felizes se sentem em cavalgal-o não terão mais remedio do que apearem-se...

Pois não ha duvida que pela amostra promettiam ser uns grandes cavalleiros!...

CRISPIM.

## AMELIA

Ouve, Amelia, se a ventura

Pouco dura,

Tambem dura pouco o mal,

D'esta vida o passo leve

Corre breve

Corre breve e corre equal.

Assim, pois, quando em meus sonhos

Mais risonhos,

Sinto ás vezes gosos mil,

Não me importa da verdade,

Que a fealdade

Rasgue o quadro meu gentil.

Rasgue embora, e embora a vida

Võe despida

De prazer, de crença e amor,

Tem tão curta a vida e o termo

Que n'este ermo

Não distingo o espinho e a flor.

Não distingo; mas se ainda

Visão linda

Ha que em sonhos possa ter;

Se uma cousa ha que eu deseje,

Que eu inveje,

Ouve, Amelia, vou dizer:

Era em gruta bem selvagem

Doce imagem

Ver em ti da que eu amei;

Ter contigo a mesma sorte,

Vida, morte,

Ter, Amelia, o que eu não sei!

JOÃO DE DEUS.

(Campo de Flores)

## D. LIANOR

A Eduardo Noronha

(Romance sobre uma lenda)

I

Ali se acabam as terras  
Começam ondas do mar;  
As rochas n'as batidas  
Vão nessas aguas entrar,  
No cabo de Portugal  
Os farelhões a apontar.  
Um parece que estão  
Para se irem despenhar,  
Outras com medo a fugir,  
Outras se vão debruçar;  
Esta que alembra uma nau  
Que ali foi despedaçar;  
Mais além aquéla é frade  
Que está carpindo e a rezar  
Bem se lhe escutam soluços  
Ou é marulho do mar...  
Ouviu porque assim chora

Esse monge singular,  
Feito pedra nas arribas  
Que as ondas vão açoitar,  
Fustigado pelos ventos,  
Beijado pelo luar,  
Olhando as aguas profundas  
Revoltas a murmurar,  
E cumprindo a penitencia  
De joelhos a rezar!

II

Cêrca dali são os paços,  
Paços de Dona Lianor,  
Abertos por mão dos anjos,  
Por mandados do Senhor,  
Junto ao cabo Carvoeiro  
Nas rochas de negra côr.  
Foi ali que um peito amante  
Se finou em atroz dôr,  
Quando as vagas brancas, bravas,  
Um corpo foram depôr  
Junto dos restos do esquife  
E véla dum pescador.  
O corpo de Fr. Giraldo

Que de Salir foi senhor,  
E que depois se fez frade  
Por desditas em amôr.

III

Era menina, perdêra  
A mãe que tanto queria.  
A madrasta cubiçava  
O mancebo que a pedia;  
Levou o pae a dizer-lhe  
Que a filha, não lha daria,  
«Dum rico homem de Torres  
«Era noiva ha muito dia!»

Oh que tristeza tamanha  
Que D. Giraldo sentia!  
Embarca na caravéla  
Que á descoberta partia.  
Andou por lá tres anos  
E ninguém d'êle sabia.

Quando correu que era morto  
Grande golpe alguém sofria,  
E logo quer tomar véu  
Nas freiras de Santa Iria.

São de volta as caravélas  
Um mareante acudia.  
Foi enconral-a já freira,  
Como freira o recebia,  
Tanta lagrima chorando  
Que a Virgem se enternecia.

Novo frade se alistava  
Nesse convento que havia  
Junto á vila de Peniche,  
Onde choráva a porfia.

A' Berlenga foi passado,  
Esquecel-a não podia.  
Mandou rogar que viesse,  
Para lhe falar um dia,  
Pois era a dizer-lhe adeus,  
Bem certo que fenecia.

D. Lianor, coitada,  
A quem essa dôr pungia,  
Nos alcantis o aguardava  
Da salgada penedia,  
Cêrca ao Portinho da Areia,  
Onde um pescador saia  
Varar o fragil batel  
Com que o pégo percorria.

Mas o mar se encapelava  
E tudo subvertia.  
Nos rochedos escaldados  
Um frio corpo se via.  
Tomava-o nos fracos braços  
Com esse fardo cahia.  
Mas a Virgem piedosa,  
Naqueles paços que abria,  
Punha os dois corpos a par  
E um anjo que os alumia.

E foi unido na morte  
Quem na vida se queria!

J. DE OLIVEIRA SIMÕES.

## Famílias reaes estrangeiras



O filho mais velho do czar da Russia

Walter Rothschild possui uma collecção de mais de 1.000.000 de borboletas. E' a maior collecção particular existente no mundo.

## Liszt e as mulheres

Sabe-se que Liszt foi um artista que conseguiu escravizar o exito e que ninguem do nosso tempo soube como elle disfructar os favores da multidão, da sociedade mais escolhida e até das testas coroadas. Os reis entravam no numero dos seus amigos, e as senhoras mais fidalgas da Europa disputavam-se a honra de chamarem o *maestro* a sua casa. Mas foram principalmente as mulheres que admiraram e adoraram loucamente o *maestro*. Quando elle se dignava fazer-se ouvir n'um salão, o piano era coberto de flores. Certa condessa russa recebia-o em casa fazendo tapetar de flores o salão onde o inspirado pianista tinha de se fazer ouvir.

Quando chegou a Paris, sendo muito novo ainda, foi acolhido com entusiasmo. O «pequeno Liszt», como o chamaram até aos trinta annos, foi uma verdadeira creança animada.

Ficaram celebres muitos incidentes da vida do musico. Os seus conhecidos amores, por exemplo, com a condessa de Agout. Queria ella dominar o amante, ser como que a nympha Egeria, a sua inspiradora. Liszt, que ao fim de algum tempo d'estas relações só pensava em quebral-as, disse-lhe um dia:

— Não pretendas ser a minha nympha Egeria. Não são as Beatrizas que fazem os Dantes, mas os Dantes que fazem as Beatrizas. Além de que as verdadeiras Beatrizas teem o bom gosto de morrerem aos dezoito annos.

A mesma condessa de Agout escreveu um livro e perguntou a Liszt como deveria intitular-o.

— Affectação e mentiras — respondeu o musico.

Liszt exercia sobre as mulheres uma influencia verdadeiramente magnetica. Um dia, uma discipula, que se apaixonara por elle loucamente, desesperada por não se ver bem correspondida, puxou d'um revolver e apontou-lh'o.

— Aqui estou, dispara — disse Liszt; e a joven cahiu de joelhos soluçando deante do *virtuose*.

Saint-Saens contava que, estando em Budapesth, foi visitar o *maestro* e encontrou-o a dormir n'um sophá, cercado por uma duzia de magnificas e formosissimas mulheres, postadas deante de cavalletes e a pintarem-lhe o retrato.

Descia um lucido raio  
Ao seio de certa rosa;  
A manhã, porque era em maio,  
Podeis ver que era formosa.

A flor sorria nos valles,  
E o doce raio do sol,  
Achou-lhe dentro do calix  
Um nefando caracol!

De subito exclama irado:  
— Que fazes, podes dizer-me,  
N'este seio immaculado  
Quando não passas d'um verme?!

Eu por mim, sou essa aurora  
Que um supremo olhar produz!  
— Eu sou um verme que adora  
Todo o seio aberto á luz.

GUILHERME D'AZEVEDO.

## THEATROS

### Noticias e reclamos

**Nacional** — Tem-se limitado a companhia do **Nacional** a passar em revista as peças de maior successo do seu repertorio, emquanto vae preparando o *Reposteiro Verde*, nova peça de Julio Dantas, cuja acção, se não estamos em erro, se passa no reinado de D. Miguel. Assim, temos visto surgir n'aquella casa de espectaculos *A Mãe Sina*, de Bento Mantua, o *Burguez Fidalgo*, de Molière, adaptado por Eduardo Garrido, *O Sol da Meia Noite*, adaptação de Freitas Branco, *Os Velhos*, do saudoso João da Camara e *Peraltas e Secias*, de Marcellino de Mesquita, havendo a destacar n'esta ultima o magistral desempenho de Antonio Pinheiro, no papel até aqui desempenhado por Fernando Maia.

## THEATROS

### THEATRO DA REPUBLICA — Sua filha



Final do 4.º acto

(Phot. de A. C. Lima)

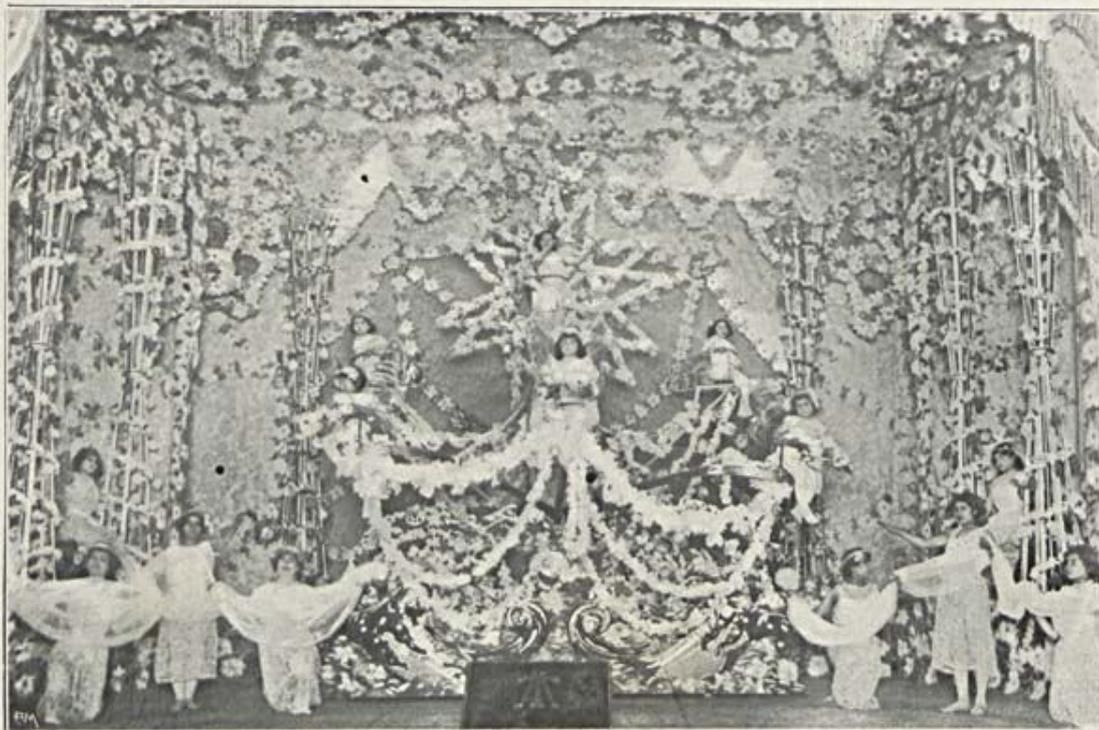
**Avenida** — *Marido para 3 Mulheres*, operetta em 3 actos, de F. Lehar.

— Com uma bella enchente realisou-se no **Avenida** a primeira representação de uma interessante operetta intitulada *Marido para trez mulheres*, de F. Lehar, cujo successo tem corrido mundo, em-

salão apresenta ao publico por um preço modico, tendo já contractadas mais algumas celebridades artisticas que brevemente se estreiam.

**Salão Central** — Todas as semanas fitas novas, de maneira a variar quanto possivel os seus espectaculos, eis o fim a que visa a empreza, sendo este um dos animatographos mais frequentados pelo

## THEATRO APOLLO — O Sonho Dourado



O final do ultimo acto

(Phot. de A. C. Lima)

bora, para o nosso paladar, não se possa comparar com a *Viuva Alegre* e *Conde Luxemburgo*, do mesmo auctor. Se n'estas o enredo é ligeiro, apesar de logico, n'aquella transparece a preocupação do auctor em a fazer valer não só pela musica, mas pelo complicado do enredo, cujas situações degeneram por vezes em *pochade*. Entretanto a tentativa cae por completo pela base, porquanto a acção é mal conduzida e toca as raízes do inverosimil. E já que estamos falando da peça, uma coisa vem a talho de foice: — a tradução é deficiente, principalmente os versos, que nos dão a impressão de não caberem na musica, e isto, decerto, não é defeito do auctor.

Um facto, porém, contribuirá, com certeza, para que a sua carreira seja duradoura: a uniformidade e correção do desempenho. Todos á uma procuraram acertar e estudaram com amor os seus papeis, devendo, comtudo, especialisar-se: Carmen Osorio, Adriana Noronha, Flora Dyson, Leopoldo Froes, Carlos Leal, Garcia Perez, um novo que vae marcando o seu logar, e Armando Vasconcellos, que muito de proposito deixámos para o fim para o felicitar-mos pelo seu excellente trabalho de encenação que é completo, revelando aptidão e gosto.

Scenario, de Reis Junior, muito bom.

**Colyseu dos Recreios** — Continua em pleno successo a companhia que actualmente está trabalhando no **Colyseu**, tendo-se ultimamente effectuado a estreia dos celebres duetistas estrangeiros *Trombetas*, os primeiros do genero, e que em toda a parte têm constituído um numero de verdadeira sensação. Para os proximos espectaculos a estreia dos Mackwell e o seu trio.

No proximo numero faremos referencia aos theatros da *Trindade* e *Republica*.

## Animatographos

**Olympia** — As ultimas novidades animatographicas n'este salão têm sido: — *Passatempo a bordo de um barco de guerra* — *Fogo n'uma estalagem* — *O calista herdou* (comica) — *Juiz de instrução* (fita em 2 partes — 1:000 metros) — *Wily e o velho apaixonado*. Continuam as *matinees* ás segundas-feiras, com extraordinaria concorrência.

**Trindade** — Succedem-se as enchentes com a emocionante fita — *Os Miseraveis*, extrahida do romance do mesmo titulo de Victor Hugo. Têm tambem agradado as fitas: *Funeraes de Canalejas* e *Abismo*.

**Salão Foz** — A bailarina e completista *La Granadina*, os bailarinos *Louise et son dauseur*, a troupe de cães amestrados, apresentados por *Mr. Mumier*, a par das maiores actualidades cinematographicas, são os numeros que constituem os espectaculos que a empreza d'este

nosso publico, que n'elle encontra tudo quanto de mais moderno e de maior novidade ha no genero.

**Chantecler** — *O ultimo dos Sorellis*, *O cão e o apache* e *Sangue Siciliano*, são a ultima palavra em fitas faladas, sendo grandes as enchentes que têm levado a esta casa de espectaculos.

## Salão Foz



Pepita Gallardo — *La Granadina*

**Salão do Loreto** — São tambem as fitas faladas a especialidade d'este salão, apresentando sempre novidades, o que faz com que o publico mostre a sua sympathia por este Salão.